

A ALIENAÇÃO EM FRANTZ FANON: da consciência a descolonização

The alienation in Frantz Fanon: from conscience to decolonization

La alienación en Frantz Fanon: de la conciencia la descolonización

Airuan Silva de Carvalho

Graduando em Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-brasileiros (UFMA)

airuancarvalho@gmail.com

Resumo

O texto analisa o debate sobre alienação presente nas obras “Peles negras máscaras brancas” e “Os condenados da terra” de Frantz Fanon, passando pelo contexto histórico de constituição dos textos em discussão, tendo em vista a trajetória de vida política de seu autor. Inicia-se com um breve resgate histórico da vida de Frantz Fanon até o seu engajamento na luta anticolonial, posteriormente explora como o primeiro livro do autor discute o processo de alienação e de que forma propõe uma desalienação para que o negro tone-se um ser de ação. A partir disso, destaca-se categorias como consciência, cultura e ontologia. Seguindo o trabalho, aborda-se como a segunda obra supracitada se insere no contexto da luta anticolonial, debatendo o colonialismo e o processo de descolonização nos marcos da luta de libertação, realçando as categorias já destacadas e acrescentando outras como, violência, descolonização e revolução.

Palavras-chave: Alienação. Consciência. Descolonização. Racismo. Revolução.

Abstract

The text analyzes the debate on alienation present in Frantz Fanon 's "Black Skins White Masks" and "The Damned of the Earth", going through the historical context of the constitution of the texts under discussion, considering the trajectory of political life of its author. It begins with a brief historical rescue of the life of Frantz Fanon until his engagement in the anticolonial fight, later explores, how the author's first book discusses the process of alienation and in what form proposes a disalienation so that the black one becomes a being of action. From this stand out categories such as consciousness, culture and ontology. Following the work, it is approached how the second work mentioned above is inserted in the context of the anticolonial struggle, debating colonialism and the process of decolonization within the framework of the liberation struggle, highlighting the already highlighted categories and adding others such as violence, decolonization and revolution.

Keywords: Alienation. Consciousness. Decolonization. Racism. Revolution.

Resumen

El texto analiza el debate sobre alienación presente en las obras "Piel negra máscaras blancas" y "Los condenados de la tierra" de Frantz Fanon, pasando por el contexto histórico de constitución de los textos en discusión, teniendo en vista la trayectoria de vida política de su autor. Se inicia con un breve rescate histórico de la vida de Frantz Fanon hasta su compromiso en la lucha anticolonial, posteriormente explora, como el primer libro del autor discute el proceso de alienación y de qué forma propone una

desalienación para que el negro se entera ser de acción. A partir de ello se destaca categorías como conciencia, cultura y ontología. En el contexto de la lucha anticolonial, siguiendo el trabajo, se aborda cómo la segunda obra arriba mencionada se inserta en el contexto de la lucha anticolonial, debatiendo el colonialismo y el proceso de descolonización en los marcos de la lucha de liberación, resaltando las categorías ya destacadas y añadiendo otras como, violencia, descolonización y revolución.

Palabras clave: Alienación. La conciencia. Descolonización. Racismo. Revolución.

Introdução

Passados um pouco mais de 90 anos do seu nascimento e mais de 50 de sua morte, Fanon e seu pensamento continuam atuais. O neocolonialismo, tão alardeado por ele e outros pensadores terceiro-mundistas para além de uma realidade, tornou-se uma regra. Os condenados espalham-se pela Europa com sonho e desejo de tomar o lugar do colono, de alcançar o modo de vida do europeu. Os invejosos são os estrangeiros, os autóctones os privilegiados. Os condenados da terra atravessam o oceano, chegam a alhures a todo momento, seus desejos ampliaram-se, tornam-se a cada passo do ponteiro de todo globo.

Ler Fanon tornou-se fundamental para todos aqueles que se debruçam sobre as relações sociais, seja para aqueles que como o mesmo queiram transformar a realidade, seja simplesmente para compreendê-la.

De todo modo, sem querer separar o intelectual do homem de ação, o pensamento fanoniano, como pensamento negro, é uma contribuição ao conjunto do pensamento humano, mas do que isso, é uma proposição de “salvação” da humanidade. Tendo em vista a dialética que o autor utiliza, o negro ao se libertar liberta também o branco, a periferia do mundo é a única que pode salvar o centro de sua autodestruição.

Portanto, para Fanon, o terceiro mundo é de fundamental importância para o surgimento de um novo homem.

Este trabalho tem como objetivo analisar a alienação em Fanon, com especial ênfase a alienação do homem negro. Para tanto, iniciamos explanado o período histórico em que o autor viveu, seguimos para analisar as suas duas principais obras – não negando a importância de sua obra como um todo – “Peles Negras, Máscaras Brancas” e “Os Condenados da Terra”, analisando a desalienação do colonizado como ponto de partida da desalienação da humanidade.

Um homem filho de seu tempo

Frantz Fanon nasceu em 1925, em uma família de classe média na Martinica, possessão francesa na época. Morreu em 1961 de leucemia. Uma vida curta em um tempo conturbado. Fanon viveu 36 anos, tempo em que pôde ter como experiência a segunda guerra mundial, a guerra fria e o início de um movimento de libertação africana. Em 1929, a nível global, aconteceu o que se convencionou chamar de grande depressão, crise que se estendeu pela década seguinte culminando na Segunda Guerra. Quando da Segunda Guerra Mundial, Fanon como bom nacionalista alistou-se no exército francês contra o nazismo. Neste momento o mesmo entrou em contato com o racismo na prática, não só no exército rival, mas em suas próprias fileiras, compreendendo que a negação de sua nacionalidade, o aproximava dos africanos.

Para Fanon o contato com a questão racial ocorreu de maneira peculiar. Ele começava a ter suas primeiras vivências mais concretas da discriminação quando ingressava nas fileiras do exército francês, lutando nos conflitos finais da Segunda Guerra contra a Alemanha nazista. Apesar de ter servido a França, acredita-se que foi despertando para um maior envolvimento com o continente africano a partir desse momento (DURÃO, 2016, p. 3).

Terminado a guerra, condecorado por bravura duas vezes, Fanon teve a oportunidade de se formar em psiquiatria na França, escrevendo um estudo psicológico sobre o negro, o qual é convencido a abandonar. Para doutorar-se escreveu uma tese positivista para agradar a banca, mas não abandona sua ideia inicial. Escreveu “Peles Negras Máscaras Brancas”, onde iniciou explicando seu atraso, “Este livro deveria ter sido escrito há três anos... Mas então as verdades nos queimavam. Hoje elas podem ser ditas sem excitação. Essas verdades não precisam ser jogadas na cara dos homens” (FANON, 2008, p.27).

Casou-se e mudou-se para Argélia por motivo profissional. Mas também encontrou o lugar no qual participou ativamente da luta de libertação e produziu, a partir de seu acúmulo teórico e da análise da realidade africana e mundial, sua principal obra, “Os Condenados da Terra”.

Como relata Mbembe (2011), Frantz Fanon pertenceu a uma geração que passou, por duas ou três vezes, pela provação do desastre e, através da experiência de fim do mundo que toda a catástrofe consiga acarreta, indivisamente, pela provação do mundo.

Segundo o mesmo, Fanon teve três clínicas do real, o combate ao nazismo como soldado na Segunda Guerra Mundial, a experiência na luta anticolonial no colonialismo francês na Argélia e a isso se soma o encontro amargo com a França e os clarões de independência africana.

Para além da experiência de vida, Fanon teve como influência teórica autores de campos diversificados, tal como o poeta Aimé Césaire, um dos fundadores do movimento da negritude e seu conterrâneo e professor no liceu. No campo da psiquiatria teve como referência o marxista François Tosquelles, que viria ser um dos grandes referenciais do movimento de reforma psiquiátrica. Teve também influência de filósofos contemporâneos de seu tempo com quem conviveu, tais quais Simone de Beauvoir, Jean Paul Sartre e Merleau-Ponty.

Portanto a intensa atividade política deste homem de ação – principalmente na Argélia – associada ao aprofundamento teórico que ele carrega faz de Fanon uma das personagens mais interessantes do século XX. Muitas vezes esquecido em detrimento de sua negritude. Quando lembrada a sua teoria, muitas vezes domesticada, utilizando-se de seu elemento psicológico em detrimento de sua radicalidade. É preciso reabilitá-lo. Estudá-lo em sua totalidade.

Ser o não ser

Peles negras máscaras brancas é a obra inaugural do pensamento *fanoniano*. Dentre outros temas abordados pelo autor se destaca a ontologia e o negro, tema do qual tornou-se referência e bibliografia obrigatória a todos aqueles que pensam epistemologias alternativas as dominantes, sendo ela de matizes diferentes.

É interessante percebermos diferentes leituras possíveis da obra, desde racialistas a marxistas, passando por pós-estruturalistas, multiculturalistas, estudos pós-coloniais até a chamada epistemologia do sul. O livro tornou-se um espaço aberto de disputas teóricas. Nossa abordagem traz a obra como ponto de partida, não no sentido de um movimento linear, crescente, mas voltado a um público específico.

Sendo assim é uma desalienação parcial, particular, tanto no sentido do grupo a que se refere – dentre os próprios negros – quanto a ser parte de uma totalidade. Ou seja, uma desalienação psicológica como descreve Fanon “a análise que empreendemos é psicológica. No entanto, permanece evidente que a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais” (FANON,2008, p. 28).

A alienação em questão, tem como base material a vida do próprio autor e de muitos outros negros de classe média, intelectuais, políticos, administradores, etc. Homens e mulheres negras que tem certas vantagens em relação a massa da população, que pensam partilhar da civilização ocidental, mas ao chegar ao centro da nação que pensavam ser extensão, conhecem a barreira do racismo.

Intelectualizados na Europa, tornam-se outros, não mais os mesmos, não são iguais a nenhum. O direito lhe é subtraído para se tornar um favor, seu status patriótico de cidadão é negado na cor da sua pele.

Daí inicia-se a maratona de esforços para serem aceito. Não dá resultados, pois ser aceito é ser branco e por mais que tente se aproximar disso culturalmente, não se pode alterar as origens nem a cor da pele.

O axioma moderno da razão encontra sua negação no campo social, pois o negro é excluído da humanidade. Os problemas, as características internas do negro, o chamado complexo negro não é um complexo negro, vem de fora, são produzidas socialmente como nos mostra Fanon:

Se ele se encontra a tal ponto submerso pelo desejo de ser branco, é que vive em uma sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade, em uma sociedade cuja consistência depende da manutenção desse complexo, em uma sociedade que afirma a superioridade de uma raça; é na medida exata em que esta sociedade lhe causa dificuldades que ele é colocado em uma situação neurótica (FANON, 2008, p. 95).

A importância em se aproximar do branco tem seu sentido político e ideológico de dominação. Pois o negro não o vê como o colonizador que usurpou suas riquezas, escravizou seus corpos, colonizou seus territórios. Muito pelo contrário, é referência do que vem a ser humanidade, pois a cultura europeia é a cultura humana, o mundo ocidental helênico é o mundo humano, sua filosofia e sua razão são características da humanidade.

O negro assimilado nega sua língua e qualquer traço de sua negrura, para alcançar – como um velocista em busca de um ouro – o branco, pois “falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura. O antilhano que quer ser branco o será tanto mais na medida em que tiver assumido o instrumento cultural que é a linguagem” (FANON, 2008, p.50). Esse instrumento cultural é de fundamental importância para compreender a alienação do negro, como podemos ver:

O negro antilhano será tanto mais branco, isto é, se aproximará mais do homem verdadeiro, na medida em que adotar a língua francesa. Não ignoramos que esta é uma das atitudes do homem diante do Ser. Um homem que possui a linguagem possui, em

contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito (FANON, 2008, p. 34)

A alienação neste sentido, consiste em compreender o mundo como um mundo construído pelos europeus e a partir deste, os outros continentes orbitando em seu centro. Como o sol iluminando os planetas, a Europa é a luz do mundo, sem ela só pode existir escuridão. Deste modo, hierarquizam a humanidade que em primeira e última instância, tem como essência ser branca. Quem se encontra mais perto disso sobe um degrau acima dos outros. Aí se encontra a reprodução do racismo para com os africanos, tão presente em nossa sociedade atual. Fanon observa:

Conhecemos no passado, e, infelizmente, conhecemos ainda hoje, amigos originários do Daomé ou do Congo que declaram ser antilhanos. Conhecemos no passado e ainda hoje antilhanos que se envergonham quando são confundidos com senegaleses. É que o antilhano é mais “evoluído” do que o negro da África: entenda-se que ele está mais próximo do branco (FANON, 2008, p. 40).

Portanto, ser negro fora da África é ter melhores condições de desenvolver sua humanidade – leia-se aproximar-se da cultura europeia – o negro em África é sempre o indígena, o primitivo – mas, distante da cultura europeia.

Esse caráter desarticulador é fundamental para que os negros de diferentes nacionalidades não se vejam no mesmo barco, partilhando o mesmo problema do racismo. A alienação, aqui, se trata dessa hierarquização em relação ao mundo branco, portanto, no sentido de aproximar-se do ser branco.

A reprodução do racismo tem um caráter de reforço a opressão racial para com o negro vindo da África.

Sendo o nosso propósito a desalienação dos negros, gostaríamos que eles sentissem que, toda vez que há incompreensão entre eles diante do branco, há ausência de discernimento. Um senegalês aprende o crioulo a fim de passar por antilhano: digo que há alienação. Os antilhanos que o percebem multiplicam suas gozações: digo que há ausência de discernimento (FANON, 2008, p. 49).

Portanto, é de fundamental importância para o autor, que os negros da diáspora (antilhanos) compreendam a posição dos africanos diante da hierarquização do mundo. É necessário um movimento de encontro para com os outros negros, que possibilite a descolonização da mente.

Porém, segundo o autor, surge a partir daí um segundo problema, uma antítese do colonialismo, uma negação da civilização branca.

Aí vemos que “O branco está fechado na sua brancura. O negro na sua negrura” (FANON, 2008, p.27). A tentativa de reconstrução de uma história da civilização negra, tem seu sentido no que já dissemos anteriormente, a negação que o branco faz de sua cultura.

É, portanto, um rechaço a assimilação, a negação do racismo como afirmação de sua cultura. Atribui-se, dessa maneira, o mundo como africano o que permeia a consciência da maioria dos intelectuais africanos e da diáspora. Esse fenômeno Fanon (1968) denominará posteriormente como antítese afetiva do colonialismo.

O problema é que para Fanon (2008) o negro se fecha num círculo criado pelo branco. Acontece que o branco é apenas um homem, enquanto o negro, só pode chegar a ser um homem negro. O passo que se dá em afirmar a negação que o branco faz é enclausura-se nesse círculo.

Temos como exemplo a oposição entre a razão e a emoção, a primeira da natureza dos brancos, a segunda da natureza dos negros. Essa afirmação feita por pensadores europeus é retomada por Senghor, que dará outro sentido, invertendo a importância de tais natureza, como nos mostra Faustino:

Em um artigo célebre intitulado “o que o homem negro traz” (1939), Leopold Sedar Senghor afirma categoricamente que a **Emoção é Negra** e a **Razão é helênica**. Dito de outro modo, o Negro (ou a África) é **essencialmente** diferente do Branco (ou o Ocidente) na medida em que expressa uma relação muito mais íntima com a terra (natureza), o corpo (emoções, músculos e pulsões) e o lúdico (os ritmos, as cores e sabores). Ao citar o poeta André Gide em seu aforisma “a sabedoria não está na razão, mas sim no amor”, Senghor afirmará que o Branco, bem como o conjunto da civilização ocidental, estaria condenado a uma racionalidade fria e castradora por não disporem de uma “sensibilidade emotiva” própria dos Negros (FAUSTINO, 2013, p.03)

Atribui-se a emoção uma positividade em contraposição a razão. Em busca de autodeterminação e reconhecimento, enrosca-se na armadilha das contradições da realidade. O caráter lúdico, o ritmo, o tambor, opõe-se à ciência, a moral e a civilidade.

Eu tinha racionalizado o mundo e o mundo tinha me rejeitado em nome do preconceito de cor. Desde que, no plano da razão, o acordo não era possível, lancei-me na irracionalidade. Culpa do branco, por ser mais irracional do que eu! Por pura necessidade havia adotado o método regressivo, mas ele era uma arma estrangeira; aqui estou em casa; fui construído com o irracional; me atolo no irracional; irracional até o pescoço (FANON, 2008, p. 113).

O negro se autodetermina que é o não ser, já que o ser é branco, o universal não o alcança, é o outro, enclausurado em sua própria alteridade. Sendo o outro absoluto é o contrário completo da razão branca. A emoção torna-se essência do negro.

Aqui encontramos possibilidade de uma consciência negra. Consciência essa que reflete a negação do branco em detrimento de uma negritude. Esse momento de afirmação da negação, o movimento da negritude, para Fanon (2008) é o momento necessário “em que a consciência tem necessidade de se perder na noite do absoluto, única condição para chegar à consciência de si”.

E mais:

Em termos de consciência, a consciência negra se considera como densidade absoluta, plena de si própria, etapa anterior a toda fenda, a qualquer abolição de si pelo desejo. Jean-Paul Sartre, neste estudo, destruiu o entusiasmo negro. Contra o devir histórico, deveríamos opor a imprevisibilidade. Eu tinha necessidade de me perder absolutamente na negritude. Talvez um dia, no seio desse romantismo doloroso (FANON, 2008, p. 122).

Portanto, um primeiro rompante de consciência, mas insuficiente, presa ao que Fanon (2008) chama de círculo vicioso. Lembramos, o branco também é alienado e preso ao círculo, mas, é ao mesmo tempo responsável por esse círculo, o racismo encrustado em sua consciência o impede de ir ao universalismo. Sendo detentores de todo privilégio dessa relação, pouco importa, enquanto sujeito coletivo ser universal, o é na medida de sua brancura.

A consciência negra em Fanon, portanto é a zona do não ser.

A dialética que introduz a necessidade de um ponto de apoio para a minha liberdade expulsa-me de mim próprio. Ela rompe minha posição irrefletida. Sempre em termos de consciência, a consciência negra é imanente a si própria. Não sou uma potencialidade de algo, sou plenamente o que sou. Não tenho de recorrer ao universal. No meu peito nenhuma probabilidade tem lugar. Minha consciência negra não se assume como a falta de algo. Ela é. Ela é aderente a si própria (FANON, 2008, p.122).

Descer a esse verdadeiro inferno, como diz Fanon (2008), tem como benefício um verdadeiro renascimento do ser. Possibilita ao negro sair do círculo racista, desalienar-se psicologicamente, mas é preciso voltar do inferno.

Daí nasce um verdadeiro universalismo. Do ser desenraizado, disperso, confuso, mas reinventado. Para além da negação surge a potencialidade, seres históricos que podem *vir a ser*. A desalienação requer a destruição de duas metafísicas que imperam na realidade material, a do negro e do branco.

Essa jornada de desalienação é específica, repetimos, a um grupo dentre os negros. E o autor faz muito bem em separar os tipos de alienação.

Não cessarei de repeti-lo, é evidente que o esforço de desalienação do doutor em medicina de origem guadalupense se faz compreender a partir de motivações essencialmente diferentes daquelas do preto que trabalha na construção do porto de

Abidjan. Para o primeiro, a alienação é de natureza quase intelectual. Na medida em que concebe a cultura europeia como um meio de se desligar de sua raça é que ele é um alienado. Para o segundo, é como vítima de um regime baseado na exploração de uma raça por outra, no desprezo de uma parte da humanidade por uma civilização tida por superior (FANON, 2008, p. 185).

Essa desalienação intelectual da qual nos debruçamos tende a corrigir a concepção histórica eurocentrada, evocar a África como parte do mundo. Combater a cultura branca a partir de seu próprio alicerce que a muito se perdeu. O humanismo europeu se constrói a partir da desumanização do resto do mundo, a noção de humanidade e de civilização esvaziou-se na história concreta. É preciso que novos homens e mulheres nasçam das cinzas de suas ruínas. Que os negros se libertem de seu próprio corpo, não mais mistificados, não mais mistificadores. E que o combate contra realidade racial seja dado no presente.

O problema aqui considerado situa-se na temporalidade. Serão desalienados pretos e brancos que se recusarão enclausurar-se na Torre substancializada do Passado. Por outro lado, para muitos outros pretos, a desalienação nascerá da recusa em aceitar a atualidade como definitiva (FANON, 2008, p. 187).

Para o autor, como humano, todo o passado lhe pertence. Toda as condições de opressão devem ser enfrentadas, não com o passado mais com as armas no presente. Não é uma cultura própria que fará o negro rebelar-se contra a condição de opressão em que vive, é a própria condição que se torna insuportável. A partir daí, das condições objetivas, que se lançam as alternativas. Não existe uma missão negra, existe uma luta contra a opressão e deve-se lutar contra ela em toda parte como o autor salienta “que jamais o instrumento domine o homem. Que cesse para sempre a servidão do homem pelo homem. Ou seja, de mim por um outro. Que me seja permitido descobrir e querer bem ao homem, onde quer que ele se encontre” (FANON, 2008, p. 191).

A desalienação intelectual é um passo do qual o próprio autor passou, para então dar o segundo e mais importante passo para o nascimento do homem novo, o engajamento efetivo na luta anticolonial, como uma luta pelo mundo e pela humanidade.

O colonialismo e o homem novo

Aqui faremos análise da obra “Os Condenados da Terra”. Última obra do autor, ditada pelo mesmo já próximo da morte. Uma obra que se difere de “Peles Negras Máscaras Brancas”

no seu objetivo. Se essa tinha um caráter de propor uma desalienação intelectual do negro, “Os Condenados da Terra” têm como pretensão a descolonização da África. Reflete uma vida engajada na luta anticolonial.

Nota-se na obra uma visão do processo de dentro. As fragilidades e as forças dos colonizados são do conhecimento do autor a partir da experiência do mesmo no movimento de libertação argelina. O olhar de homem desenraizado, da América, da Europa, da África, possibilita a Fanon tecer o quadro de uma revolução, mas do que isso, de um afogamento da Europa no próprio ego, impossibilitada de se libertar. É tarefa destes, homens e mulheres do terceiro mundo salvar a humanidade. Para tanto, é preciso destruir o mundo antigo. “Os Condenados da Terra” é seu ponto de chegada, para finalmente partir.

O nascimento do homem novo se faz aqui, a partir da descolonização. A desalienação econômica e social pelas mãos dos dominados economicamente e oprimido socialmente. A defesa da revolução africana é a defesa do novo homem.

A descolonização segundo Fanon, “[...] é simplesmente, a substituição de uma ‘espécie’ de homens, por outra ‘espécie’ de homens. Sem transição, há substituição total, completa, absoluta” (FANON, 1968, p. 25).

A importância da descolonização para a transformação do ser se dá no sentido de que se altera as relações que se tem, os últimos arrancam os primeiros do lugar que ocupam, tomam o seu lugar na história, fazem a história. Assim, Fanon habilita a descolonização como surgimento de homens novos:

A descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores sobrecarregados de inessencialidade em atores privilegiados, colhidos de modo quase grandioso pela roda viva da história. Introduce no ser um ritmo próprio, transmitido por homens novos, uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é, em verdade, criação de homens novos. Mas esta criação não recebe sua legitimidade de nenhum poder sobrenatural; a “coisa” colonizada se faz no processo mesmo pelo qual se liberta (FANON, 1968, p. 26-27).

O motor desse processo é o colonizado, a força em estado bruto que tem o poder de levar a cabo esta revolução, esta descolonização, é a violência. Como diz Sartre no prefácio d’Os Condenados da Terra, “Fanon é o primeiro desde Engels a repor em cena a parteira da história” (FANON, 1968, p. 9).

Se a descolonização só pode ocorrer em meio ao enfrentamento entre dois protagonistas – colonos e colonizados – com os últimos eliminando os primeiros, só pode ser feito por meio

da violência. A violência é fundamental, não só por ser um enfrentamento físico de fato, capaz de eliminar seu antagonista, mas, porque a mesma já permeia a consciência do colonizado. Como nos mostra Faustino o livro "alerta que a violência é parte fundante da sociedade colonial, estando presente em todas as suas expressões materiais e simbólicas" (FAUSTINO, 2013, p.225).

Para Fanon (1968) a violência encontra-se na vida e na mente do colonizado. Pois o mundo colonizado, é um mundo cindido em dois. Compartimentado, este mundo engloba dois mundos diferentes, em completa oposição. Há as cidades dos brancos estrangeiros e dos negros nativos. A primeira, uma cidade estruturada, asfaltada, iluminada, farta, sempre abastecida de tudo que precisa, onde o modo de vida zomba da segunda, esta por sua vez nos lembra as periferias brasileiras:

Aí se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa de que. É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sobre os outros, as casas umas sobre as outras. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade acocorada, uma cidade ajoelhada, uma cidade acuada. É uma cidade de negros, uma cidade de árabes (FANON, 1968, p. 29).

Portanto, não existe entremeios mascarando a realidade. A desigualdade nas colônias salta aos olhos. Diferente dos países desenvolvidos, onde o operário e o burguês são "em essência iguais", cidadãos parte de uma mesma nação. No mundo colonizado está delimitado em "essência" as diferenças. O dominante é branco e estrangeiro, os explorados e oprimidos negros e autóctones. Fanon nos mostra essa especificidade do mundo colonizado:

Nos países capitalistas, entre o explorado e o poder interpõe-se uma multidão de professores de moral, de conselheiros, de "desorientadores". Nas regiões coloniais, ao contrário, o gendarme e o soldado, por sua presença imediata, por suas intervenções diretas e frequentes, mantém contato com o colonizado e o aconselham, a coronhadas ou com explosões de napalm, a não se mexer. Vê-se que o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não torna mais leve a opressão, não dissimula a dominação. Exibe-as, manifesta-as com a boa consciência da ordem. O intermediário leva a violência a casa e ao cérebro do colonizado (FANON, 1968, p. 28).

Aqui vemos o racismo desnudo, sem roupagens civilizatórias, sem o disfarce dos discursos filosóficos sobre a razão, o universal, sem máscaras democráticas de inclusão social. Aqui, também, implica possibilidades de transformação, tendo em vista que o colonizado conhece seu inimigo. Já o enfrenta no cotidiano. A violência é potência para o colonizado. Essa

dialética do escravo e o senhor dará fim a senhores e escravos, pois o colonizado leva a cabo a violência, vejamos:

Desmanchar o mundo colonial não significa que depois da abolição das fronteiras se vão abrir vias de passagem entre as duas zonas. Destruir o mundo colonial é, nem mais nem menos, abolir uma zona, enterrá-la profundamente no solo ou expulsá-la do território (FANON, 1968, p. 30).

Como Fanon expressa diversas vezes em sua obra, a descolonização é uma imagem muito clara: a substituição de uma “espécie” de homens, por outra “espécie” de homens. Obviamente, ele não se refere a espécie biológica, mas sim, a construção social-histórica racial do negro e do branco.

O autor retoma o processo de construção do branco como detentor da cultura, da moral e de qualquer noção de civilidade, já apresentada em “Peles Negras Máscaras Brancas”. Expõe que para além de o negro ser ausência de tudo isso, ele também é construído como negação dessa cultura, desses valores, seu completo oposto. Vejamos:

Não basta ao colono limitar fisicamente, com o auxílio de sua polícia e de sua gendarmaria, o espaço do colonizado. Como que para ilustrar o caráter totalitário da exploração colonial, o colono faz do colonizado uma espécie de quintessência do mal. A sociedade colonizada não é apenas descrita como uma sociedade sem valores. Não basta ao colono afirmar que os valores desertaram, ou melhor jamais habitaram, o mundo colonizado. O indígena é declarado impermeável a ética, ausência de valores, como também negação de valores. Neste sentido, é o mal absoluto (FANON, 1968, p. 30-31).

O colonizado, torna-se corrosivo a sociedade, um mal a ser combatido, uma praga a ser controlada. Esse discurso legitima – no plano do próprio discurso – a violência a ser utilizada para com o indígena. A sua radicalização consiste na desumanização do colonizado, ou seja, em sua animalização.

É importante notarmos que, a exemplo do que já foi dito, o colonizado sabe de imediato o que o colono pensa a seu respeito. O ar de superioridade do branco, a certeza que tem da inferioridade do negro, não o permite dissimular a realidade. Aqui, não está presente uma exploração camuflada pelo liberalismo, não existe discurso de mobilidade social, pois não existe igualdade possível a caber no discurso. Os explorados são negros, inferiores, de outra “espécie”.

Essa inferiorização, já encontrada na primeira obra analisada, é recebida de forma diferente do que recebe o intelectual colonizado. Como já dito, o mesmo possui privilégios em

relação a massa colonizada. Encontra na cultura e na moral – seja branca, seja negra – uma tentativa de fuga da sua condição de colonizado. Para a massa de explorados e oprimidos pelo colonialismo, a violência não se distingue da cultura e da moral.

No período da descolonização apela-se para a razão dos colonizados. Propõem-lhes valores seguros, explicam-lhes abundantemente que a descolonização não deve significar regressão, que é preciso apoiar-se em valores experimentados, sólidos, citados. Ora, acontece que quando ouve um discurso sobre a cultura ocidental, o colonizado saca da faca de mato ou pelo menos se certifica de que a tem ao alcance da mão. A violência com que se afirmou a supremacia dos valores brancos, a agressividade que impregnou o confronto vitorioso desses valores com os modos de vida ou de pensamento dos colonizados fazem com que, por uma justa reviravolta das coisas, o colonizado ria com escárnio ante a evocação de tais valores. No contexto colonial, o colono só dá por findo seu trabalho de desancamento do colonizado quando este último reconhece em voz alta e inteligível a supremacia dos valores brancos. No período da descolonização a massa colonizada zomba desses mesmos valores, insulta-os, vomita-os (FANON, 1968, p. 32).

Diferente do intelectual colonizado, a que Fanon propõe uma desalienação psicológica, um problema filosófico acerca da consciência a ser resolvido, a massa colonizada tende a uma desalienação total, pois tanto em sua consciência, como em sua realidade concreta, é atravessada pela violência.

O combate para o colonizado no campo da cultura, dos valores, não pode surtir efeito, porque “para a população colonizada o valor mais essencial, por ser o mais concreto, é em primeiro lugar a terra: a terra que deve assegurar o pão e, evidentemente, a dignidade” (FANON, 1968, p. 33). O combate, a descolonização, só é possível no campo material, na luta, tendo a violência como instrumento. Esse instrumento torna-se o próprio valor como vemos:

Para o colonizado, ser moralista é, de modo bem concreto, impor silêncio à soberba do colono, despedaça-lhe a violência ostentosa, numa palavra: expulsá-lo francamente do panorama. O decanto princípio que quer que todos os homens sejam iguais achará sua ilustração nas colônias assim que o colonizado se apresentar como igual do colono. Mais um passo e ele quererá bater-se para ser mais que o colono. De fato, já decidiu substituir o colono, tomar-lhe o lugar. Como se vê, é todo um universo material e moral que se desmorona (FANON, 1968, p. 33).

Um universo que se desmorona a partir da utilização da violência por parte do colonizado que até então só sofria com a mesma. A violência, de forma dialética, é o instrumento de sua opressão e de sua libertação.

Libertação total é a que diz respeito a todos os setores da personalidade. A emboscada ou a escaramuça, a tortura ou o massacre de seus irmãos consolidam a determinação

de vencer, renovam o inconsciente e alimentam a imaginação. Quando a nação da sua arrancada global, o homem novo não é uma produção a posteriori dessa nação mas coexiste com ela (FANON, 1968, p. 266).

O homem novo faz-se no momento mesmo em que se coloca em movimento. A transformação econômica e social de sua realidade material, possibilita que as mesmas que lhe eram vistas como alienígenas aos colonizados, sejam tomadas como parte edificante e edificada do novo homem. A desalienação total nesse sentido, toma em Fanon, como única possibilidade a revolução social. Revolução essa, impossível sem a força da violência. Essa revolução, esse homem novo, a partir do terceiro mundo, não tem para com a Europa um revanchismo. Não precisa temê-la, não precisa invejá-la. Não pode a ter como imagem. A Europa encontra-se paralisada, inerte, segundo o autor ali a dialética transformou-se em lógica do equilíbrio.

Por isso Fanon (1968) termina sua obra evocando o terceiro mundo a recomençar a história do homem. A tornar-se história em atos. Como diria Marx (2006) revolucionar-se a si e as coisas, criar algo que jamais existiu. Declama seu apelo aos seus:

Se queremos corresponder à expectativa de nossos povos, temos de procurar noutra parte, não na Europa.
Mais ainda, se queremos corresponder a expectativa dos europeus, não devemos devolver-lhes uma imagem, mesmo ideal, de sua sociedade e de seu pensamento, pelos quais eles experimentam de vez em quando uma imensa náusea.
Pela Europa, por nós mesmos e pela humanidade, camaradas, temos de mudar de procedimento, desenvolver um pensamento novo, tentar colocar de pé um homem novo (FANON, 1968, p. 275).

Considerações finais

Nos marcos do fim da segunda década do século XXI temos um mundo completamente diferente do que Fanon viveu, em aparência. Em essência vivemos a lástima da análise acerca do colonialismo que o autor fez nos ser tão próxima. O mundo cindido do qual o autor se refere, encontra-se por toda a parte.

No Brasil, podemos equiparar as favelas a cidade do colonizado. Onde as estruturas são sempre as piores e a violência para além de recorrente é naturalizada. Na favela, também a única mediação que o Estado tem para com seus moradores é a polícia. O tratamento dado a sua população – majoritariamente negra – em muito parece com o realizado nas colônias

africanas do século XX. As teses racistas, não sendo oficiais, ganham corpo no imaginário social e nas práticas institucionais, que segregam espaços e condenam corpos.

Muitos negros e movimentos mantêm-se a imagem irrefletida de um espelho europeu. Embebedam-se com uma cultura africana, ao ponto de terem delírios ufanistas em relação a um passado distante, ao mesmo tempo em que mantêm uma descrença com o presente e medo do futuro.

A atualidade de Fanon nos lembra que o novo, precisa nascer, mas o faz matando o velho que no nosso caso já se tornou moribundo a muito. Sua obra impõe-se a realidade. Poderá nos ser útil, não só para compreender o mundo no qual vivemos ou incorporá-la em nosso arcabouço teórico, mas também ser a história em atos.

Referências Bibliográficas

DURÃO, Gustavo de Andrade. Frantz Fanon, um escritor múltiplo: trajetória intelectual, formação cultural e movimentação política. **ODEERE**, N. 1 (2016). Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/odeere/article/view/5724>. Acesso em: 25/05/2018.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Deivison Mendes. A emoção é negra, a razão é helênica? Considerações fanonianas sobre a (des)universalização do “Ser” negro. **Revista tecnologia e sociedade**, v.9, n. 18 (2013). Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/2629/1738>. Acesso em: 22/05/2018.

FAUSTINO, Deivison Mendes. Colonialismo, racismo e luta de classes: a atualidade de Frantz Fanon. In: **V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina**. 2013, Londrina. Disponível em: <http://www.uel.br/g> HYPERLINK "http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v16_deivison_GI.pdf" rupo-pesquisa/gepal/v16_deivison_GI.pdf. Acesso em: 22/05/2018.

MBEMBE, Achille. **A universalidade de Frantz Fanon**. Disponível em: <http://www.buala.org/p> HYPERLINK "<http://www.buala.org/pt/da-fala/a-universalidade-de-frantz-fanon-de-achille-mbembe>" t/da-fala/a-universalidade-de-frantz-fanon-de-achille-mbembe. Acesso em: 18/05/2018.